

LUDICIDADE E IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL NAS BRINQUEDOTECAS: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA A PARTIR DAS MATRIZES EPISTEMOLÓGICAS

Karen Setenta Loiola¹
Nayla Júlia Silva Pinto²
Renan Mota Silva³

Resumo

A brinquedoteca representa um contexto imprescindível no vir-a-ser da criança, cujas dinâmicas relacionais ali circunscritas se mostram essenciais para a compreensão de diversos fenômenos que atravessam a infância, estando a questão da identidade étnico-racial entre eles. O presente artigo objetivou examinar o panorama das publicações sobre o lúdico na experiência infantil e a identidade étnico-racial, tendo como contexto as brinquedotecas e como foco a identificação dos paradigmas e estratégias de enfrentamento ao racismo e a valorização da cultura da infância. Por meio de uma revisão integrativa da literatura sobre o tema entre os anos de 2000-2023, foram analisados 9 artigos. Os resultados indicam uma escassez de publicações de pesquisas empíricas que tiveram as brinquedotecas como contexto, tem-se a incipiência da temática em áreas para além da educação e uma maior abordagem da variável gênero ligada as identidades infantis, sendo secundário o fator racial. Identificou-se a escassez de representatividade racial nos recursos lúdicos e diversas estratégias de enfrentamento do racismo na infância, entre as quais uso de livros educativos e reivindicações identitárias pelo lúdico. A pesquisa contribui ao deslocar o foco epistemológico do racismo, de caráter individual e voltado para o sujeito adulto para a criança racializada.

Palavras-chave: Brinquedoteca. Diversidade étnico-racial. Infância.

Abstract

Toy library represents an essential context in the development of the child, whose relational dynamics circumscribed there are essential to the understanding of various phenomena that go through childhood, and the issue of ethnic-racial identity is among them. This paper aimed to examine the background of publications on play in childhood experience and ethnic-racial identity, having as context the toy library's and as focus the identification of paradigms and strategies to confront racism and the appreciation of childhood culture. An integrative review of literature has been utilized on the between the years 2000-2023, 10 articles were analyzed. Findings showed a precarious panorama of publications of empirical research that had the toy libraries as a context, there is the incipiency of the theme in areas beyond education and a greater approach to the variable gender linked to children's identities, being the racial factor secondary. We identified the scarcity of racial representation in toys and multiple strategies to confront racism in childhood, including the use of educational books and identity reaffirmations by a ludic approach. This research contributes by shifting the epistemological focus of racism from the individual and adult-oriented subject to the racialized child.

Keywords: Toy library. Ethnic and racial diversity. Childhood.

¹ Faculdade Anhanguera de Brasília (FAB). karensetentapsi@yahoo.com.br

² Faculdade Anhanguera de Brasília (FAB). naylajuliapsi@gmail.com

³ Universidade Federal do Pará (UFPA). renanmota16@hotmail.com

Introdução

O Brasil é conhecido por comportar uma das maiores sociedades multirraciais do mundo (Gomes, 2012), o que o torna passível da caracterização, em termos culturais, como uma das nações mais ricas em diversidade, marcada por uma pluralidade de raças, etnias e identidades (Mwewa; Oliveira; Silva, 2023). O fato de a (co)existência de diferentes grupos étnico-raciais estar no cerne da história do país de modo tão expressivo e característico permite a noção de que essas identidades se relacionam a partir de dinâmicas particulares e complexas, marcadas por ambiguidades, conflitos e desigualdades que, por sua vez, são atravessadas por modificações intra, inter e extrasubjetivas (SILVA, 2007).

Nesse viés, a questão das identidades étnico-raciais passou a ser parte do interesse de pesquisadores brasileiros (Lima, 2008; Verrangia, 2014), os quais são motivados pela identificação dos desafios e possibilidades da construção de uma sociedade mais justa e igualitária perante as desigualdades que afetam os indivíduos e grupos. Logo, é razoável dizer que a temática não é só emergente, como também possui grande relevância social ligada aos direitos humanos.

No entanto, apesar do crescente interesse sobre os aspectos étnicos e identitários no país, pouca atenção é dada a relação destes com o público infantil (Oliveira; Abramowicz, 2010). A pesquisa, ao privilegiar o indivíduo adulto, deixa de apreender as formas diretas, indiretas, sutis e explícitas das violências étnico-raciais durante a infância (França; Monteiro, 2004). Uma vez que crianças e jovens negros no Brasil ainda sofrem com um sistema social pautado no racismo estrutural, as agressões das mais diversas naturezas são cotidianamente direcionadas a estes (Camargo; Alves; Quirino, 2005), é notável que o silenciamento do racismo na infância e da adolescência vai de encontro a uma extensa lacuna de pesquisa.

Ademais, a produção científica sobre as desigualdades raciais na infância tende a ser prevalentemente teórica, como resultado, tem se a falta de pesquisa empírica, o que dificulta o entendimento das vivências das crianças pretas e pardas na contemporaneidade. Desse modo, as brinquedotecas surgem como contextos empíricos de grande-valia, por serem reveladoras das dinâmicas interpessoais das crianças, uma vez que privilegiam a interação e socialização, que são responsáveis por ampliar as expressões, a imaginação e fantasia das crianças, estimuladoras da singularidade, desejo, motivações, necessidades e conflitos (CUNHA; ARAÚJO, GOMES, 2011).

A partir do delineamento por ora exposto, propõe-se o seguinte questionamento: como está o cenário de pesquisas relativas a identidade étnico-racial na infância a partir da

brinquedoteca enquanto um contexto empírico? Destarte, o objetivo do presente artigo é analisar o panorama das publicações sobre o lúdico na experiência infantil e a identidade étnico-racial, tendo como contexto as brinquedotecas e como foco a identificação dos paradigmas e estratégias de enfrentamento ao racismo, bem como a valorização da interculturalidade na infância.

Esta pesquisa justifica-se, por atuar em uma perspectiva ainda pouco explorada pela literatura na área (Oliveira; Abramowicz, 2010), mais especificamente, por realizar a expansão da literatura sobre o racismo na infância e da brinquedoteca e seu potencial em reivindicações identitárias étnico-raciais. Além disso, a relevância desta pesquisa é destacável por deslocar o foco epistemológico do racismo, voltado para o sujeito adulto, para a criança racializada. Outra justificativa reside no fato de partir de uma abordagem interdisciplinar, dado que a equipe de pesquisadores é composta por profissionais da Psicologia e da Educação. Finalmente, o artigo está inserido no eixo temático Brincar e igualdade.

Marco Teórico

A questão da problematização das relações étnico-raciais tem tomado proporções crescentes na sociedade brasileira, em especial nessa última década (Lima, 2013). Matos e França (2021) destacam as origens desse foco na década de 1980, correspondendo ao espírito do tempo do processo de redemocratização do país e da efervescência das temáticas ligadas a classe, gênero e também raça. No caso desta última, Martins, Santos e Colosso (2013) destacam que o racismo está engendrado nas relações étnico-raciais no Brasil, sendo um fator determinante nas desigualdades e responsável pela produção de humilhação social e sofrimento psíquico da população negra. Desse modo, a questão da identidade étnico racial no âmbito da pesquisa brasileira está associada ao diálogo com uma das características mais marcantes do país.

Enquanto conceito, pode-se definir identidade a partir do exposto por Appiah (1997), ao descreve-la enquanto complexa, múltipla, fruto da história e modificada conforme as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais. Por étnico-racial, entende-se a vinculação desse movimento supracitado as características de uma determinada população, a qual, devido a essas características, passa a obter uma representação social *sui generis*. No campo da infância, os estudos sobre a identidade ganham um tom particular, uma vez que esse período é considerado uma construção social com diversas atribuições ontológicas e comportamentais que se modificaram com as transformações da sociedade (Freitas, 1997). Não obstante, a tradição de pesquisa sobre identidade na infância carece de um aprofundamento nas

questões de raça e gênero, uma vez que a figura da criança tende a ser abordada a partir de uma concepção generalizada (NASCIMENTO; BRANCHER; OLIVEIRA, 2008).

Daqui, deparamo-nos com uma problemática incontornável: as desigualdades que permeiam as diferentes identidades, cuja presença se dá também na infância. A exemplificar, França (2018) denuncia as discrepâncias entre o acesso e permanência a educação entre crianças brancas e negras, já Gonçalves (1987) aponta os prejuízos ligados a qualidade do ensino para pessoas negras em uma perspectiva sócio-histórica e contextualizada. Por sua vez, Pereira (1987) descreve o cenário de socialização no qual a criança negra está inserida, conforme o autor, este é marcado por um sistemático apagamento de suas potencialidades, autoestima e por uma estrutura social violenta. Logo, é razoável dizer que falar em infância implica em, fundamentalmente, falar das diferentes experiências de ser uma criança no mundo a partir das questões identitárias.

As pesquisas sobre o racismo na infância reforçam o apontamento supracitado. Conforme Fernandes (2018), as consequências dessa violência são de ordem biopsicossocial e moldam, desde a mais tenra idade, a conduta e maneira como esses indivíduos entendem a si mesmos, o outro e o mundo. São notáveis os impactos ligados ao comportamento autodestrutivo, baixo autoconceito, internalização do racismo, supervalorização dos padrões branco e eurocêntrico, maior vulnerabilidade a violências físicas, psicológicas e simbólicas, presença de transtornos das mais diversas ordens.

Uma vez que o Brasil é caracterizado pelo racismo estrutural (Almeida, 2019), mais especificamente, por conter um sistema de opressão que transcende as instituições e alcança todos os espaços públicos e privados a partir de uma naturalização das relações de poder e das agressões a população negra, é compreensível que as vivências de racismo na infância não estão limitadas a um contexto, como o ambiente doméstico ou a escola, mas que estão presentes em todos os espaços que, porventura, essa criança passar. Nesse viés, cabe analisarmos a brinquedoteca.

Aqui, valemo-nos da perspectiva de Kishimoto (1998) sobre as brinquedotecas. Conforme a autora, são espaços propícios para o vir-a-ser da criança, tendo como seus principais objetivos a valorização das atividades lúdicas e criativas, o estímulo do acesso e empréstimo de brinquedos, o auxílio à criança a desvincular-se do conceito de posse e consumo de brinquedos e o estímulo ao desenvolvimento integral, a contemplar habilidades sociais, físicas, cognitivas e afetivas. Logo, compreende-se que a brinquedoteca é um espaço revelador das dinâmicas intra, inter e extrasubjetivas, de grande valia no âmbito científico sobre o racismo na infância.

Desenvolvimento do tema

A começar pela metodologia utilizada, o estudo consistiu em uma revisão integrativa da literatura baseada na proposta de Souza, Silva e Carvalho (2010), exposta na Figura 1. A primeira etapa consistiu na definição da seguinte pergunta norteadora: De que modo a literatura aborda a identidade étnico-racial a partir da brinquedoteca enquanto contexto? em seguida, foi realizada a busca de artigos publicados nas bases de dados Scielo, Pepsic, Eric e Scopus. A coleta de dados ocorreu por meio da combinação de palavras-chave: brincar e raça; brinquedo e raça; lúdico e raça; brinquedoteca e raça; infância e raça.

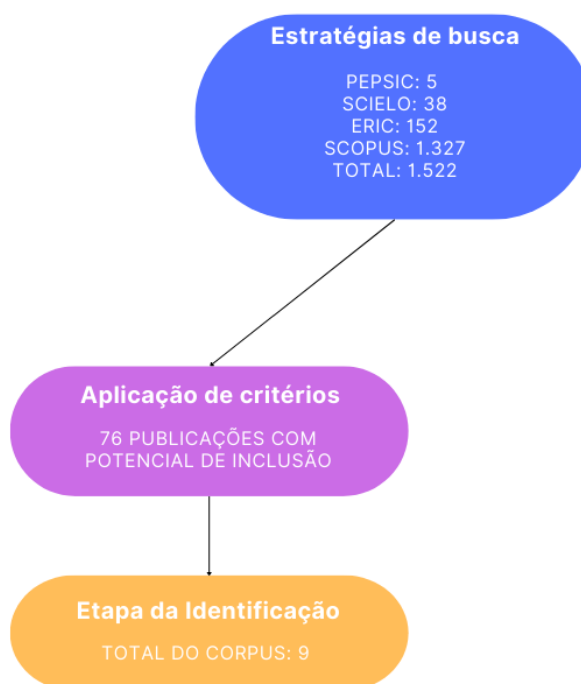
Figura 1 – Revisão Integrativa conforme Souza, Silva e Carvalho (2010)



Fonte: Autores (2023)

Os critérios de exclusão foram a delimitação da temática em periódicos de ciências humanas e educação, o recorte temporal de vinte anos e a análise de títulos. Quando aplicados, resultaram 1.522 artigos. Foram excluídos estudos utilizaram as brinquedotecas como espaços de tratamento para patologias, assim, restaram 76 publicações, integralmente lidas e excluídas por distanciamento do objetivo, resultando em 9. A Figura 2 apresenta a síntese da filtragem de publicações.

Figura 2 – Síntese da filtragem de publicações



Fonte: Autores (2023)

Em seguida, relativa a quarta etapa da revisão, os dados foram estruturados a partir de categorias analíticas (Tabela 1), cujos conteúdos ali inseridos foram alvo de análises e interpretações correlacionadas à literatura. A começar pela categoria Ano, resultou-se que 100% das publicações foram realizadas a partir do ano de 2010, esse dado dialoga com a crescente de preocupação com a temática étnico-racial no âmbito da pesquisa ocorrida nesse período (Gomes, 2011). Acerca do corte, todas as publicações partiram de uma investigação empírica para a investigação da variável racial, todavia, o contexto majoritário foi a sala de aula e não as brinquedotecas, a confirmar a lacuna denunciada neste artigo.

Por sua vez, o total do *corpus* partiu de uma abordagem qualitativa, com o uso de diversas técnicas como entrevistas, observação e análise do discurso, isso evidencia uma aproximação com a estrutura própria da metodologia qualitativa, ou seja, de que por meio dela possível apreender fenômenos subjetivos e intersubjetivos das interações humanas, pois são considerados os valores, crenças, culturas, aspectos éticos e coordenadas históricas (SILVA et. al. 2018).

No que tange aos resultados, evidenciou-se a relevância de se abordar o racismo na infância, bem como os impactos negativos das desigualdades raciais ligadas ao público infantil

e a noção de que as crianças possuem noção dessas violências a partir de suas subjetividades. Foi notável que enfrentam o racismo não só no contexto escolar, como também entre pares e

Tabela 1 – Matriz de síntese dos resultados

Titulo	Autor(es)	Ano	Corte	Método	Resultados	Contribuições	Lacuna de pesquisa
Brincando de bullying": narrativas de sofrimento de crianças e jovens frente às situações de discriminação racial e preconceito.	Brasil & Bomfim	2017	Empírico	Qualitativo	Diversidade de experiências, desafios e possibilidades frente ao ser uma criança/jovem negro; situações de discriminação étnico-racial nos contextos familiares, entre pares, em seus bairros e também na escola; isolamento, tristeza, choro e depressão como situações recorrentes.	Por ir de encontro a temática racial e infância; expor a pluralidade de modos de viver sendo uma criança negra; enfatizar que o racismo, apesar de encarado de diversas formas, está presente na realidade de todas as crianças.	escassez de estudos voltados para a relação racismo-infância; escassez de publicação em outros âmbitos para além do educacional
<i>Conversations with kids about race</i>	Hagerman	2019	Empírico	Qualitativo	As crianças não estão alheias às desigualdades raciais, entendem-nas a partir de suas próprias subjetividades; os adultos possuem a responsabilidade de estudar as desigualdades raciais e trabalhar-las com crianças.	Por desmistificar a visão da criança ignorante, que não compreende o racismo; chamar atenção para a pluralidade de óticas diante da questão racial; evidenciar a importância da escuta da criança diante dessas temáticas.	Não contou
Bonecas negras: trabalhando a diversidade cultural na educação infantil através do lúdico	Ivazaki & Melo	2015	Empírico	Qualitativo	O uso de recursos lúdicos voltados para a diversidade produz impactos positivos associados ao respeito às características, valorização da beleza, rompimento com a hegemonia do padrão estético branco eurocêntrico.	Por demonstrar empiricamente o alcance do lúdico diante do preconceito étnico-racial.	Necessidade de oferecer às crianças uma maior diversidade de brinquedos ligados a representatividade;
<i>Talking about Race with Children</i>	Mead & Neitzel	2021	Empírico	Qualitativo	As conversas sobre racismo com crianças são de grande relevância tanto para o desenvolvimento do senso de identidade racial, como a conscientização do desafio que o racismo inaugura e construção de modos de lidar, de enfrentamento propriamente dito, pela via da desconstrução da supremacia branca e valorização sistemática das características negras.	Por levantar a questão do diálogo com crianças; por não subestimar a capacidade de compreensão e atravessamentos do racismo; por envolver os pais nessa construção de sujeito.	Não foram identificadas
<i>What should young Black children know about race? Parents of preschoolers, preparation for bias, and promoting egalitarianism</i>	Doucet, Banerjee & Parade	2018	Empírico	Qualitativo	Resultou-se que alguns pais tem abordado a questão do racismo diretamente com as crianças, por meio de diálogos lúdicos, outros já passaram a ignorar a questão.	Por chamar atenção para a importância dos pais na questão do racismo na infância.	Falta de intersecção das experiências do racismo dos pais e da classe social e seus respectivos impactos na socialização das crianças.
Brincando com cadeirantes, idosos, negros e princesas: a diversidade por meio de brinquedos infantis	Cruz	2012	Empírico	Qualitativo	Estranhamento com a diversidade e classificação dos brinquedos conforme estereótipos pejorativos (racismo estrutural, reprodução de preconceitos); valorização de brinquedos conforme as características físicas;	Por demonstrar empiricamente o processo de expansão de possibilidades de brincar a partir da diversidade, do potencial criativo e lúdico para novos alcances de práticas hegemônicas e estereotipadas do brincar.	A cultura infantil é em si uma lacuna na produção científica; ausência de brinquedos racializados.
<i>"I'm Gonna Cook My Baby in a Pot": Young Black Girls' Racial Preferences and Play Behavior</i>	Sturdivant & Alanis	2021	Empírico	Qualitativo	As crianças demonstraram preferência pelas bonecas não negras, rejeitando as negras.	Preencher a lacuna de estudos que associam raça, gênero e infância.	Falta de estudos voltados tanto para gênero quanto para raça.
Brinquedos e brincar na vida de mulheres educadoras negras	Castelar et al.	2015	Empírico	Qualitativo	Impacto do padrão branco eurocêntrico no modo de brincar das entrevistadas; o brincar está sendo mediado pela lógica consumista, gera relações de poder e fomenta desigualdades; existe uma falta de brinquedos que expressam a diversidade racial e de gênero e, estes são apontados como caros e escassos, e, quando existem, expõem o racismo estrutural no comportamento das crianças.	Atrair a variável gênero a raça, o que demonstra ser um estudo interseccional; denunciar a lacuna entre a legislação brasileira; Apontar as implicações sociais, políticas e culturais presentes nos brinquedos; trazer os exemplos de racismo na cotidianidade.	Pesquisas voltadas para a formação de professores e da reestruturação curricular nesse quesito.
Infância, raça e "paparicação"	Oliveira & Abramowicz	2010	Empírico	Qualitativo	As crianças negras recebem menos "paparicação" que as brancas; aspectos enraizados e pejorativos eram sustentados nas práticas e discursos docentes, como a relação entre negro-suor-cheiro, negro-bagunça-desordem, negro-pesado-dá trabalho; exclusão das crianças pela questão racial; falta de elogios relacionados a beleza e ao bom comportamento.	Por denunciar o racismo em sua forma "sutil"; chamar atenção para as práticas racistas no contexto da educação infantil; explicitar os impactos do racismo na existência das crianças.	Escassez de pesquisas sobre as relações raciais em creches;

Fonte: Autores (2023)

até mesmo dentro dos lares, sendo, portanto, razoável concluir que estas não estão alheias às desigualdades raciais e que há uma responsabilidade social e coletiva não só de reconhecer como também abordar essa questão a partir das particularidades dos indivíduos durante a infância. Ademais, resultou-se a escassez de brinquedos fora de um padrão branco eurocêntrico e, quando existiam e levados para o contexto de brincadeira, os bonecos e bonecas que não corresponderam ao padrão branco eurocêntrico foram recebidos com estranhamento e juízo de valor conforme o racismo estrutural e reprodução de preconceitos, sendo visível em diversos estudos analisados que as crianças apresentaram preferência pelas bonecas não negras, o que dialoga com a reprodução do racismo desde a mais tenra idade.

Ainda no campo dos resultados, não se pode desconsiderar a relação entre gênero e raça, sendo os estudos analisados um caminho para análises e interpretações sobre a interseccionalidade. Por interseccionalidade, entende-se o enfoque interseccional não só uma abordagem epistemológica que reconhece os sistemas de opressão, mas que considera os sujeitos a partir das relações e experiências advindas destes (Bilge, 2009). Nesse viés, resultou-se que, quando foram realizadas as buscas sobre identidade e infância, as principais publicações estavam associadas aos papéis de gênero, sendo secundário o fator raça, poucos estudos abordaram a interrelação entre gênero e raça, nestes, demonstrou-se que o modo de brincar de crianças negras do sexo feminino estava atravessado seja pela estrutura social patriarcal, seja pela racista. Por sua vez, notou-se entre as estratégias de enfrentamento do racismo na infância o uso de livros educativos e o processo afirmativo de desenvolvimento de uma identidade étnico-racial.

As principais contribuições dos artigos analisados dizem respeito a desmistificação da criança enquanto um indivíduo alheio as violências raciais que lhe impactam diretamente, por desconstruírem a recorrente abordagem de ignorar o racismo na infância. Para além, por chamarem a atenção da importância dos pais na questão do enfrentamento do racismo, bem como dos potenciais do lúdico e da cultura, ainda, por identificarem no empírico as diversas demonstrações do racismo na infância, com atenção a relação entre gênero e raça. Outra contribuição relevante diz respeito a verificação do racismo estrutural através dos brinquedos racializados, que demonstram as influências de uma sociedade racista desde a tenra infância.

Por conseguinte, os estudos destacaram uma série de lacunas de pesquisa, entre as quais a necessidade de fornecer as crianças uma maior diversidade fenotípica de brinquedos, de fomentar o diálogo entre crianças e adultos sobre a questão do racismo, de se investigar a cultura da infância, gênero e raça no contexto infantil, bem como a importância de se abordar a temática para além dos limites das salas de aula e creches.

Enquanto limitações, a presente pesquisa carrega um baixo quantitativo de artigos analisados, bem como o caráter eminentemente teórico, sendo recomendável publicações de cunho empírico a partir do contexto da brinquedoteca, que se mostrou também escasso a nível de alvo epistemológico. Já as possibilidades advindas deste manuscrito são diversas, dado que representa um convite a imersão da questão racial nas brinquedotecas, que em si são espaços propícios para a análise das dinâmicas relacionais entre crianças e destas com sujeitos adultos.

Conclusão

O presente artigo objetivou examinar o panorama das publicações sobre o lúdico na experiência infantil e a identidade étnico-racial, tendo como contexto as brinquedotecas e como foco a identificação dos paradigmas e estratégias de enfrentamento ao racismo e a valorização da cultura da infância. Resultou-se maior presença de estudos voltados para questões de gênero, sendo notável o caráter secundário do fator raça. Em estudos que abordaram as características dos brinquedos, foi identificada a falta de representatividade racial e uma diversidade de reações de crianças frente a estas, as quais contribuem para uma concepção da pluralidade de experiências voltadas para o lúdico antirracista. Foi observado que entre as estratégias de enfrentamento do racismo na infância estão o uso de livros educativos e o processo afirmativo de desenvolvimento de uma identidade étnico-racial.

Por fim, é perceptível que o objetivo foi alcançado, uma vez que foram evidenciados todos os aspectos ligados a questão racial na infância presentes nos estudos analisados. Como contribuição, espera-se que os dados aqui apontados contribuam para o desenvolvimento da temática em extensão nacional, a valorizar as brinquedotecas enquanto espaço imprescindível nas investigações sobre as relações intra e interpessoais na infância.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

APPIAH, K.A. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

BILGE, S. Théorisations féministes de l'intersectionnalité. **Diogène**, 2009.

CAMARGO, C. L. de; ALVES, E. S.; QUIRINO, M. D. Violência contra crianças e adolescentes negros: uma abordagem histórica. **Texto contexto - enfermagem**. v.14, n.4, p. 608-615, 2005.

CUNHA, B.B.B.; ARAÚJO, M.F; GOMES, R.F.F. Infância e diversidade: significações de gênero no brincar de crianças em uma brinquedoteca. **Revista NUPEM**, v. 3, n. 5, p. 23-37, 2011.

NASCIMENTO, C.T.; BRANCHER, V.R.; OLIVEIRA, V.F. A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. **Revista Contexto & Educação**, v. 23, n. 79, p. 47-63, 2008.

FERNANDES, N.C. Racismo na infância: Impactos psicológicos. In: **VII Congress**. 2018.

FRANÇA, D. X. de. Discriminação de crianças negras na escola. **Revista Interacções**, [S. l.], v. 13, n. 45, 2018

FRANÇA, D.X. de; MONTEIRO, M.B. A expressão das formas indirectas de racismo na infância. **Análise Psicológica**, p. 705-720, 2004.

FREITAS, M.C. de. História social da infância no Brasil. In: **História social da infância no Brasil**. 1997. p. 312-312.

GOMES, N. L. Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 2, n. 2/3, 2012.

GOMES, N.L. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 27, n. 1, 2011.

GONCALVES, L.A.O. Reflexão sobre a particularidade cultural na educação das crianças negras. **Cad. Pesqui.**, São Paulo , n. 63, p. 27-29, 1987 .

LIMA, M. B. Identidade étnico/racial no Brasil: uma reflexão teórico-metodológica. **Revista Fórum Identidades**, 2013.

LIMA, M.B. Identidade étnico/racial no Brasil: uma reflexão teórico-metodológica. **Revista Fórum Identidades**, [S. l.], 2008.

MARTINS, E.; SANTOS, A.O.; COLOSSO, M. Relações étnico-raciais e psicologia: publicações em periódicos da SciELO e Lilacs. **Psicologia: teoria e prática**, v. 15, n. 3, p. 118-133, 2013.

MATOS, P.M; FRANÇA, D.X. de. Socialização étnico-racial e racismo: dos saberes afro-brasileiros e africanos à construção da identidade étnico-racial. **Educar em Revista**, v. 37, 2021.

MWEWA, C.M.; OLIVEIRA, A.B.; SILVA, A.C. Racismo e o lugar do brincar: Negrinha de Monteiro Lobato (1920). **Zero-a-Seis**, v. 25, n. 47, p. 112-132, 2023.

OLIVEIRA, F. de; ABRAMOWICZ, A. Infância, raça e "paparicação". **Educação em Revista**, v. 26, p. 209-226, 2010.

PEREIRA, J.B.B. A criança negra: identidade étnica e socialização. **Cad. Pesqui.**, São Paulo , n. 63, p. 41-45, 1987

SILVA A.; CASTRO-SILVA C.B.; MOURA L. Pesquisa qualitativa em saúde: percursos e percalços da formação para pesquisadores iniciantes. **Saude soc**. São Paulo, 2018.

SILVA, P.B. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, v. 30, n. 63, p. 489-506, 2007.

SOUZA, M.T. de; SILVA, M.D. da; CARVALHO, R. de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010.

VERRANGIA, D. Educação científica e diversidade étnico-racial: o ensino e a pesquisa em foco. **Interacções**, v. 10, n. 31, 2014.